

Crianças no espaço público: contribuições para um desenvolvimento saudável

Children in the public place: contributions for a Healthy development

Niños en el espacio público: contribuciones a un desarrollo saludable

Bernardo Nicoloso da Rocha

Universidade Franciscana-UFN, Brasil

E-mail: nicolosobernardo@gmail.com

Carolina Albornoz da Costa

Universidade Franciscana-UFN, Brasil

E-mail: carolinaalbornozcosta@gmail.com

Fernando Cocco Lago

Universidade Franciscana-UFN, Brasil

E-mail: fernandococolago@gmail.com

Jênifer Michele Pires de Aruda

Universidade Franciscana-UFN, Brasil

E-mail: jenifer.0.0@hotmail.com

Paola Gettems Abreu

Universidade Franciscana-UFN, Brasil

E-mail: paolagett@gmail.com

Carolina Schumacher

Universidade Franciscana-UFN, Brasil

E-mail: carolina.schu@yahoo.com.br

Cristina Saling Kruel

Universidade Franciscana-UFN, Brasil

E-mail: cristinaskruel@gmail.com

Felix Miguel Nascimento Guazina

Universidade Franciscana-UFN, Brasil

E-mail: felix@unifra.br

Janáína Pereira Pretto Carlesso

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8488-1906>

Universidade Franciscana-UFN, Brasil

E-mail: janapcarlesso@yahoo.com.br

Recebido: 24/08/2018 | Revisado: 10/09/2018 | Aceito: 21/09/2018

Resumo

As crianças estão cada vez mais afastadas de meios que proporcionem o desenvolvimento de diversas habilidades, sendo a escassez de ambientes atrativos a elas dentro do espaço urbano um dos fatores contribuintes. Este trabalho tem como objetivo discutir como os espaços públicos podem contribuir para o desenvolvimento infantil, através do uso do espaço urbano e maior interação no ambiente no qual as crianças vivem, propondo a ampliação ao acesso e ocupação dos espaços públicos. Para isso, a metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica não-sistemática, sob perspectiva da teoria de Lev Vygostky e da abordagem bioecológica de Urie Bronfenbrenner. Concluiu-se que se faz necessária, além da ampliação ao acesso a estes espaços, a adequação dos mesmos à utilização pelas crianças de forma a estimular seu desenvolvimento, proporcionando bem-estar e a qualidade de vida.

Palavras-chave: Ambiente; Bronfenbrenner; Infantil; Interação; Vygotsky.

Abstract

Children are increasingly getting removed from mediums that allow for the development of their many abilities, and the lack of environments that are attractive for them within the urban space is one of the contributing factors. The objective of this research is to discuss how public places can contribute to child development, through the use of the urban space and bigger interaction within the environment they live in, proposing the increase of the access and the occupation of public spaces. For this purpose, the used methodology was a non-systematic bibliographic review, from a perspective based on the works of Lev Vygotsky and Urie Bronfenbrenner's Ecological Theory. It was concluded that it is necessary not only that the access to these spaces be broaden, but that they be suited for children's use in a way that stimulates their full development, providing well-being and quality of life.

Keywords: Environment; Bronfenbrenner; Child; Interaction; Vygotsky

Resumen

Los niños están cada vez más alejados de medios que proporcionen el desarrollo de diversas habilidades, siendo la escasez de ambientes atractivos a ellas dentro del espacio urbano uno de los factores contribuyentes. Este trabajo tiene como objetivo discutir cómo los espacios públicos pueden contribuir al desarrollo infantil, a través del uso del espacio urbano y mayor interacción en el ambiente en el que los niños viven, proponiendo la ampliación al acceso y ocupación de los espacios públicos. Para ello, la metodología utilizada fue una revisión bibliográfica no sistemática, desde la perspectiva de la teoría de Lev Vygostky y del enfoque

bioecológico de Urie Bronfenbrenner. Se concluyó que se hace necesaria, además de la ampliación al acceso a estos espacios, la adecuación de los mismos a la utilización por los niños para estimular su desarrollo, proporcionando bienestar y la calidad de vida.

Palabras clave: Ambiente; Bronfenbrenner; infantil; interacción; Vygotsky.

1. Introdução

Na atualidade, o contexto da vivência humana é delineado pelo uso de tecnologias, as quais estão presentes nos mais distintos aspectos da vida diária, incluindo a parcela mais jovem da população. O crescimento exponencial do uso dessas tecnologias por crianças e jovens é explicitado quantitativamente: em 2013, no Brasil, 53% das crianças e jovens acessavam a internet através de aparelhos celulares. Em 2015, conforme “Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil”, publicada em 2016, esse número era de 82%.

O advento da tecnologia é apenas uma das características da dinâmica urbana atual. Dinâmica, essa, que ocupa predominantemente espaços fechados: famílias passam seus dias nos ambientes de trabalho e escola e, nos poucos momentos de lazer que a vida contemporânea oferece, recorrem a shoppings, cinemas e afins. Um dos motivos desta “domesticação” da família moderna pode ser a escassez de espaços públicos ao ar livre nas áreas urbanas. Com isso, espaços que deveriam ser essencialmente parte da interação criança-espaço e do convívio humano em geral, hoje, são privados à circulação. Diante disso, espaços públicos são utilizados apenas como espaços de circulação, instaurando-se ideias que tratam os mesmos como perigosos e inseguros, de onde as crianças deveriam ser afastadas. Esse afastamento, resultante da ascensão tecnológica, associado à falta de acesso a ambientes dentro do espaço urbano, os quais sejam acessíveis, seguros e atrativos às crianças e famílias, são fatores que acabam por frear a possibilidade de desenvolver diversas habilidades e potencialidades importantes na infância.

Entendendo desenvolvimento infantil como um processo que vai desde a concepção e que envolve vários aspectos, como o crescimento físico, a maturação neurológica, comportamental, cognitiva, social e afetiva da criança, tornando a criança competente para responder às suas necessidades e às do seu meio, conforme seu contexto de vida (Organização Pan-Americana da Saúde, 2005, p.11), esta pesquisa questiona: como o acesso a espaços verdes e/ou ao ar livre pode propiciar às crianças um desenvolvimento saudável? E como espaços provenientes da iniciativa pública podem apresentar-se como alternativa para isso?

Para isso, o trabalho objetivou discutir sobre a relação das crianças com seu ambiente, discutindo como a utilização desses espaços pode ser usada como ferramenta para o desenvolvimento infantil, de maneira que proporcione às famílias urbanas maior interação em ambientes abertos.

Para Vygotsky, que estudou o desenvolvimento e a aprendizagem infantil, as funções psicológicas superiores (processos voluntários, ações conscientemente controladas, mecanismos intencionais) “apresentam o maior grau de autonomia em relação aos fatores biológicos do desenvolvimento, sendo, portanto, resultados da inserção do homem num determinado contexto sócio-histórico” (LA TAILLE, 1992, p.79). Para Vygotsky (1997, *apud* PACHECO; OLIVEIRA, 2011, p.6), “não é suficiente ter todo o aparato biológico da espécie para realizar uma tarefa se o indivíduo não participa de ambientes e práticas específicas que propiciem esta aprendizagem”. Assim, a criança não irá se desenvolver com o tempo se não for exposta a experiências que propiciem seu desenvolvimento e aprendizagem. A partir da Teoria Histórico-Cultural ou Sócio-Interacionista, Vygotsky, Luria e Leontiev (1991, p.85) afirmam que quanto mais diferenciadas e sutis forem as situações vividas e percebidas pela pessoa, mais capazes serão nossas mentes de discriminar entre as formas percebidas.

No referente à influência entre as interações das pessoas e o ambiente, as formulações do psicólogo russo-americano Urie Bronfenbrenner afirmam que todos os aspectos envolvidos na vida humana estão interligados igualmente na constituição da ontogenia individual. Sua teoria, a qual o próprio refere-se como Ecologia Social do Desenvolvimento Humano, estuda a relevância dos ambientes nos quais a criança está inserida e o efeito destes no desenvolvimento infantil, além do conseqüente papel social que isso acarreta: "O conhecimento que pode ser chamado de ecologia do desenvolvimento humano é particularmente essencial para o delineamento de programas destinados a promover o crescimento cognitivo, emocional ou social da criança" (BRONFENBRENNER, 2013, p.66).

O modelo bioecológico propõe que o desenvolvimento humano seja estudado através da interação de quatro núcleos inter-relacionados: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo. Os processos são conceituados como os mecanismos primários na produção do desenvolvimento humano e ao centro desse modelo estão os processos proximais, os quais são definidos como “as formas de interação com o ambiente”, ocorrendo especialmente nas fases iniciais da vida. (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 996). O autor cita a importância da provisão de ambientes propícios ao acionamento dos processos proximais para que esses possam desenvolver-se dentro dos limites do potencial genético humano (BRONFENBRENNER, 2013, p. 201).

Buscando adequar melhor os espaços urbanos às necessidades das pessoas que neles habitam Lima (1989, p.9), ao tratar de espaços educativos, abordou o tema, buscando pesquisar a forma como o espaço é apresentado, distribuído e direcionado pelos que detêm o poder e como esse espaço é apropriado ou não por aqueles que se destinariam. Para a autora, “o espaço enquanto meio físico é experiência comum a todos os seres vivos; é presença constante e inevitável que passamos a incorporar na feitura de nossos gestos diários sem que dele tomemos consciência, mas que nos condiciona e faz com que nos acostumemos a ele” (LIMA, 1988, p. 11).

A partir de tais considerações esse estudo objetiva discutir como os espaços públicos podem contribuir para o desenvolvimento infantil, através do uso do espaço urbano e maior interação no ambiente no qual as crianças vivem, propondo a ampliação ao acesso e ocupação dos espaços públicos.

2. Metodologia

O estudo foi baseado em uma revisão não-sistemática da literatura especializada cuja utilização “(...) possibilita a construção de artigos nos quais os autores possam realizar análises e interpretações críticas mais amplas, possibilitando compreender o “estado da arte” de um determinado assunto, sob um ponto de vista teórico ou contextual” (ELIAS et al, 2012, p.48).

Através desta metodologia, foram realizadas buscas de artigos em bases de dados eletrônicas do Scielo, Google Acadêmico e PubMed utilizando os descritores: criança + espaços + público, criança + urbano, desenvolvimento + infantil, a fim de caracterizar a correlação entre desenvolvimento infantil e acesso a espaços públicos. Nessa busca, foram encontrados 25 artigos, sendo feito um mapeamento a partir da leitura dos mesmos. Foram selecionados 11 artigos, que passaram por análise qualitativa, junto da leitura de sete livros e de seis capítulos de livros e de um manual, para a elaboração da pesquisa, baseando-se nas teorias de desenvolvimento de Bronfenbrenner e Vygotsky, com subsequente compilação dos resultados.

3. A influência do ambiente no desenvolvimento infantil

O convívio entre criança e natureza na contemporaneidade é escasso, são poucos os momentos e ambientes disponíveis no cotidiano para tal interação. A construção histórico-

cultural da subjetividade contemporânea implica em um distanciamento do ser humano de ambientes como os que proporcionam contato com a natureza, acabando por desvalorizá-los e diminuir a importância desses espaços no desenvolvimento humano. Como afirma Tiriba (2010):

Na origem da crise moral e espiritual de nossos dias, está uma falsa premissa de separação radical entre seres humanos e natureza e a ilusão antropocêntrica de que todos os seres e entes não humanos nos pertencem porque somos uma espécie superior. Nas escolas, seguimos transmitindo às crianças uma visão do planeta como fonte inesgotável de onde os humanos podem extrair indefinidamente; e da natureza como simples matéria-prima morta para a produção de mercadorias. Opondo o plano cultural ao plano natural e privilegiando o primeiro, as escolas silenciam a dimensão ambiental da existência humana (p. 2)

Além disso, as rotinas atuais também mantêm as crianças e a natureza distanciadas: “mesmo que se deslocando de um espaço para outro, a maior parte do tempo, elas permanecem emparedadas, contribuindo para que não se vejam e não se sintam como parte do mundo natural” (TIRIBA, 2006, p.7).

Para Vygotsky, as crianças são sujeitos com condições de desenvolvimento, que não estão vinculadas apenas a aspectos biológicos, mas também “às relações que a mesma estabelece com o mundo circundante, já que, a construção do conhecimento é uma ação partilhada, que depende do outro, numa relação mútua e que se desenvolve ao longo da vida do sujeito e não apenas em determinado momento” (VASCONCELOS, 2015, p.96).

Segundo Bronfenbrenner (1996), o ambiente também exerce influência no desenvolvimento da pessoa, sendo este um processo de mútua interação, a interação da pessoa com o ambiente é caracterizada pela reciprocidade. A pessoa em desenvolvimento molda-se, muda e recria o meio no qual se encontra. Tais ideias também estão presentes no pensamento de Vygotsky, como afirma La Taille (1992):

Ao tomar posse do material cultural, o indivíduo o torna seu, passando a utilizá-lo como instrumento pessoal de pensamento e ação no mundo. Nesse sentido o processo de internalização, que corresponde, como vimos, à própria formação da consciência, é também um processo de constituição da subjetividade a partir de situações de intersubjetividade. A passagem do nível interpsicológico para o nível intrapsicológico envolve, assim, relações interpessoais densas, mediadas simbolicamente, e não trocas mecânicas limitadas a um patamar meramente intelectual. Envolve também a construção de sujeitos absolutamente únicos, com trajetórias pessoais singulares e experiências particulares em sua relação com o mundo e, fundamentalmente, com as outras pessoas (p.80).

Estudos de Grahn (1994) e de Tiriba (2005) mostram que crianças que passam mais tempo em contato com áreas naturais apresentam um comportamento mais harmonioso,

fantasiam mais, brincam melhor e têm uma melhor percepção do espaço em que vivem (GIACOMINI, 2014, p.36). Para Machado et al.(2016, p.657), as oportunidades de interação com natureza que a criança estabelece através das brincadeiras trazem importantes benefícios para o seu desenvolvimento motor, sensorial, psíquico e cognitivo:“a presença da natureza em espaços abertos de lazer proporciona maior diversidade de brincadeiras às crianças. Esses ambientes convidam as crianças a realizarem várias atividades físicas como pular, correr, cavar, construir, esconder-se, subir em árvores”.

Segundo os autores (Barbou, 1999; Fjørtoft; Sageie, 2000; Herrington; Studtmann, 1998; WELLS, 2000 *apud* Luz; Kuhnen, 2013, p.253), um dos atributos dos espaços ao ar livre que tem sido investigado é a presença de vegetação e sua relação com o desenvolvimento infantil. A presença de vegetação em áreas de brincadeira ao ar livre como *playgrounds*, praças, vizinhança tem sido associada ao aumento no nível de interação e diversidade nos tipos de brincadeira. Além de estimular as habilidades sociais, os ambientes naturais parecem melhorar a função cognitiva (atenção), estimular a atividade lúdica e a criatividade e diminuir os efeitos negativos dos eventos de estresse.

Para Bronfenbrenner (1999, p.17), “diferentes tipos de ambientes dão origem a padrões distintivos de papéis, atividades e relações para as pessoas que se tornam participantes nestes ambientes”. O autor afirma que há, na atualidade, devido a mudanças sociais, uma subestimação das condições necessárias para este desenvolvimento e que os processos básicos do desenvolvimento humano podem ser saciados e refinados pela aplicação de políticas públicas a fim de promover um desenvolvimento saudável (BRONFENBRENNER 1989, 1992, *apud* BRONFENBRENNER, 2013, p.201).

As pessoas não investem afetivamente em todo ou qualquer lugar, mas nos que apresentam características/oportunidades de satisfazer suas necessidades pessoais (KUHNEN, 2009). Estudos sobre preferência mostram que os espaços com natureza são aqueles que as crianças mais gostam e utilizam, quando estão disponíveis. Por conta da importância do contato com o meio urbano, não acessar esses espaços se torna prejudicial à saúde das crianças, gerando redução da mobilidade e atividade física das crianças (KORPELA, 2001, p. 363-373).

Espaços como parques públicos podem proporcionar à criança o desenvolvimento de suas capacidades motoras, sensoriais e cognitivas através do contato com a natureza. Lugar também onde a criança tem a oportunidade de se relacionar com outras pessoas fora do seu ciclo familiar, ajudando a construir senso de cidadania através do contato com diferentes culturas (MEKIDECHE; OLIVEIRA; RABINOVICH, 2004).

Frente aos benefícios que o contato com a natureza proporciona ao desenvolvimento infantil, compreender o papel dos espaços urbanos públicos e as interações com a natureza que esses podem oferecer tornam-se necessário.

4. A utilização de espaços públicos como ferramenta para o desenvolvimento infantil

As transformações socioculturais decorrentes do século XVIII tomaram proporções significativas na ordem e na organização social das cidades e dos espaços públicos. Lima (1989, p.93) entende que até então as ruas eram vias de circulação e socialização infantil e que, pela crescente falta de segurança e de políticas de ordenação disciplinar dos indivíduos, as crianças passaram a não utilizá-las para tal fim. Essa socialização, atualmente, “se dá num sistema coberto e tapado, num processo linear e pré-determinado das relações, sendo frias e breves de experiência”.

Percebe-se, nos estudos de Lima, sua preocupação em integrar as pessoas ao espaço no qual vivem, dando uma significativa atenção ao papel dessa integração no desenvolvimento infantil, principalmente no ambiente escolar. Porém, é possível aplicar seu conhecimento ao espaço urbano público, oferecendo assim opções de desenvolvimento infantil fora do contexto escolar e domiciliar. Conforme a autora:

Usamos e vivemos no espaço como se ele fosse um simples pano de fundo, de cor neutra, sem compromisso. No entanto, o espaço é elemento cheio de significado, que reflete sempre a história e a cultura de um povo; que revela, no seu uso é na sua disposição, as relações efetivas que está estabelecida entre as pessoas que nele convivem. Enfim, o espaço é um espelho no qual se faz a leitura de uma sociedade, seus valores, seu sistema social e político, seu desenvolvimento tecnológico (LIMA, 1989, p. 11).

Apesar de algumas vezes o espaço urbano ser utilizado para socialização e lazer, muitas vezes por conta do abandono do poder público, acaba se tornando um local propício a fins ilícitos como uso de drogas e vandalismo, dessa forma, convertendo-se em um lugar de perigo, principalmente para as crianças (MEKIDECHE; OLIVEIRA; COTRIN, 2004, p. 143--167).

Sobre a importância dos espaços urbanos Luz e Kuhnen (2013) afirmam:

Ao passo que na literatura torna-se cada vez mais evidente a importância do espaço urbano para o desenvolvimento físico, cognitivo, social e psicológico do ser humano, a falta de acesso aos espaços, sobretudo os públicos, também se evidencia através do aumento da violência, do tráfego de veículos e da falta de estrutura disponibilizada, trazendo prejuízo à saúde e à maturação infantil. A falta de acesso e uso dos espaços urbanos, nesse sentido, torna-se não apenas um problema espacial, mas um problema de saúde física e psicológica que precisa ser melhor compreendido. Assim, torna-se relevante investigar de que forma a qualidade dos

espaços urbanos, principalmente os públicos, intervém no comportamento do brincar a fim de contribuir para o desenvolvimento saudável de seus usuários (p. 553).

Os espaços de lazer destinados às crianças devem ser planejados de modo a atender as necessidades de desenvolvimento das mesmas e garantir sua segurança. No entanto, sabendo-se a relação entre a degradação das condições ambientais do planeta e a desatenção a necessidades e desejos das crianças nestes espaços se observa que nem sempre as atividades e espaços planejados às crianças correspondem às preferências delas próprias no uso de um lugar (RASMUSSEN, 2004). Para Machado et al. (2016):

Nos espaços urbanos onde a natureza torna-se escassa e onde, mundialmente, se concentram mais de 50% das crianças (Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2012), os parques ganham importância ao proporcionar a interação da criança com a natureza. Com o crescimento desorganizado das cidades e os problemas de mobilidade e segurança nas ruas, os pais não permitem que seus filhos caminhem ou brinquem fora de casa em espaços abertos devido à percepção de insegurança em relação a esses espaços (Romero et al., 2001; Timperio, Salmon, Telford; Crawford, 2005). Os parques urbanos, como os parques infantis e o pátio da escola, são lugares que os pais escolhem levar os seus filhos para realizar atividade física e brincar de forma segura e onde o contato com a natureza torna-se mais acessível (p.658).

Em estudos sobre espaços públicos e sua relação benéfica para o desenvolvimento infantil, Lima afirma que, mesmo que haja espaços que estejam em boa forma de estruturação e de capacidades para os atores sociais, carece-se de ferramentas que gerem benefícios na subjetivação humana, ou seja, faltam espaços que não negligenciem os aspectos criativos e de atuação das crianças com o mundo. Desse modo, os ricos elementos construtivos da criança tornam-se imperceptíveis, visto que a participação destas na definição do espaço ainda se limita. “Deixar o espaço suficientemente pensado para estimular a curiosidade e a imaginação da criança, mas incompleto o bastante para que ela se aproprie e transforme esse espaço através da sua própria ação” (LIMA, 1989 p. 72). Diante do contexto histórico apresentado por Lima no livro *A Cidade e a Criança*, as crianças terão que “encontrar nas novas condições urbanas aqueles espaços permeáveis onde sejam possíveis o jogo e a brincadeira que envolva os companheiros da mesma idade e observar o mundo dos adultos” (LIMA, 1989, p.92).

Espaços como as praças e os parques infantis, além do papel de socialização, mostram-se importantes para o desenvolvimento infantil por oportunizar não apenas habilidades físicas, mas cognitivas (concentração, atenção, noção espacial), sociais (interação, socialização, diversidade) e psicológicas (regular emoções, criatividade, autonomia), através da atividade do brincar (SOUZA; VIEIRA, 2004, p.28-33). Ao se apropriar dos espaços públicos, as crianças permanecem mais tempo brincando, se exercitando, e socializando, o

que torna esses espaços cenários de promoção do desenvolvimento saudável, pois, para Borja (1999) e Malho (2004) *apud* Dias (2017):

Os espaços públicos das grandes cidades têm-se mostrado cada vez mais desajustado às necessidades das crianças. Em cidades de passagem, de espaços reduzidos, de locais privados e especializados, os espaços públicos têm perdido seu valor e potência criadora no cotidiano infantil. O urbano tornou-se pouco atrativo, com pouca oferta e qualidade de lazer e recreação, de espaços lúdicos, de espaços culturais, de espaços naturais e amplos. Perdeu a dimensão do espaço público como lugar de encontro, convívio, vivências, percepções, interações, jogos livres e brincadeiras, de contato com a natureza, tão importantes ao seu bem-estar bio-psico-social e desenvolvimento integral, constituindo ainda limitações para a aprendizagem e exercício da cidadania urbana infantil (p.506-507).

Uma das possibilidades para reverter o processo de individualização e decadência dos espaços públicos e da vida pública, é fazer com que as crianças da atual geração aprendam a vivenciar a cidade e, principalmente, aprendam a socializar com as diferentes pessoas que nela habitam. Crianças que convivem sempre dentro de um mesmo contexto geralmente não têm oportunidades para conhecer como são as crianças de outros grupos sociais. Elas recebem apenas as informações, nem sempre reais, passadas pelos adultos e isso pode gerar uma visão preconceituosa. O brincar com crianças de famílias de diversas classes sociais, culturas, etnias e crenças as ajudarão a eliminar estas barreiras segregacionais e a aceitarem as diferenças. A criança não tem censura, para ela, a brincadeira pode acontecer independente da classe social, pois o importante é o brincar (OLIVEIRA, 2004).

Diante dessa perspectiva, acredita-se que todo o espaço que possibilite e estimule positivamente o desenvolvimento e as experiências do viver, do conviver, do pensar e do agir consequente, é um espaço educativo. Assim, os espaços apropriados pelas pessoas que neles permeiam, podem tornar-se espaços educativos, basta dar a esse espaço um caráter positivo, transformando-o num instrumento ativo e dinâmico da ação dos seus participantes, “mesmo que seja para usá-lo como exemplo crítico de uma realidade que deveria ser outra” (BRASIL, 2010, p. 7).

5. Considerações finais

Conclui-se que os espaços urbanos servem como ambientes de convívio coletivo que proporcionam o desenvolvimento de habilidades específicas, além de estimular o bem-estar e a qualidade de vida de seus usuários e se faz necessário que estes disponham de estruturas e condições apropriadas para o uso pelas crianças e famílias que compõem o meio urbano, o

que inclui a presença de natureza, pois são diversos os estudos, como Luz e Kuhnen (2013), Ridgers et al. (2007) e Raymundo, Kuhnen e Soares (2010), que pontuam que a presença de vegetação favorece o contato das crianças com o espaço, oportunizando atividades diferenciadas. Em palestra lecionada pelo médico pediatra Daniel Becker (CRIANÇAS, 2015), o mesmo reafirma que o convívio com a natureza e em espaços abertos, além de afastar temporariamente as crianças de tecnologias, propicia a elas momentos de livre brincar, promove a inteligência, o humor, a imaginação e a criatividade, gera o convívio entre familiares e entre crianças de diversas idades e extratos sociais, desenvolvendo empatia e comunicação. Assim, quando a natureza está acessível à criança, ela a incorpora nas suas brincadeiras. Isso mostra que a natureza de muitos espaços abertos como dos parques urbanos adquire além de uma função estética e ecológica, uma função de lazer.

Cabe ao poder público e à comunidade repensar a importância destes espaços, visto que na atualidade brasileira apresentam, em grande maioria, condições vulneráveis quanto a riscos físicos e sociais, escassez de elementos naturais e de estruturas que possibilitem a apropriação dos mesmos pelo público infantil urbano.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação patrimonial**. Programa Mais Educação, 2010. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialProgramaMaisEducao_fas1_m.pdf> Acesso em 20/04/2018.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. **The ecology of developmental processes**. In: DAMON, W.; LERNER, R. M. (Orgs.). *Handbook of child psychology: theoretical models of human development*. New York: John Wiley, 1998. p. 993-1028.

BRONFENBRENNER, U. **Environments in developmental perspective: theoretical and operational models**. In: FRIEDMAN, S. L.; WACKS, T. D.; *Measuring environment across the life span: emerging methods and concepts*. Washington, DC: American Psychological Association, 1999. p.3-28.

CRIANÇAS, já para fora. Palestra para TEDxTalks. 2015, 22 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Kxffmj78OQs>. Acesso em 04/06/2018.

DIAS, M.S. **Brincando na cidade, crescendo em cidadania: um estudo sobre os parques infantis em Barcelona, Espanha.** Oculum ensaios, v.14, n.3, p.501-522, 2017. Disponível em <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/3418/2538>. Acesso em 20/05/2018.

ELIAS, C. S. et al. **Quando chega o fim? Uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais.** Revista Eletrônica em Saúde Mental, Álcool e Drogas, v. 8, n. 1, p. 48-53, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/smad/article/view/49594/53669>. Acesso em 22/06/2018.

GIACOMINI, D. **Atividades Lúdicas no desenvolvimento de educação ambiental para a conservação da fauna silvestre.** Santa Maria: UFSM, 2014. Monografia de especialização em Educação Ambiental da Universidade Federal de Santa Maria.

KORPELA, K. **Children's environment.** In: BECHTEL, R. B.; CHURCHMAN, A. (Ed.). Hand- book of environmental psychology, p.363-373, New York: John Wiley & Sons, 2001.

KUHNEN, A. **Comportamento sócio-espaciais e a relação humano-ambiental.** In: KUHNEN, A.; CRUZ, R. M.; TAKASE, E. (Eds.), Interações Pessoa-Ambiente e Saúde, p. 15-35. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2009.

LA TAILLE, Y. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

LIMA, M. S. **A Cidade e a criança.** São Paulo: Nobel, 1989.

LIMA, M. S. **Espaços educativos – uso e construção.** Brasília: MEC/CEDATE, 1988.

LUZ, G. M.; KUHNEN, A. **O uso dos espaços urbanos pelas crianças: explorando o comportamento do brincar em praças públicas.** Psicologia: Reflexão e Crítica, v.26, n.3, p.552-560, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v26n3/v26n3a15.pdf>. Acesso em 04/06/2018.

MACHADO, Y.S. et. al. **Brincadeiras infantis e natureza: investigação da interação criança-natureza em parques verdes urbanos.** Temas em Psicologia, v.24, n.2, p.655-667, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v26n3/v26n3a15.pdf>. Acesso em 03/06/2018.

MEKIDECHE, T.; TASSARA, E. T.; RABINOVICH, E. P. **Espaços para crianças na cidade de Argel: um estudo comparativo da apropriação lúdica dos espaços públicos.**In: Psicologia e ambiente, p.143-167, São Paulo: Educ, 2004.

PACHECO, W.S.; OLIVEIRA, M.S. **Aprendizagem e desenvolvimento da criança com síndrome de Down: representações sociais de mães e professoras.** Ciências & cognições, v. 16, n. 3, p. 2-14, 2011. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212011000300002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 04/06/2018.

OLIVEIRA, C. **O Ambiente Urbano e a Formação da Criança.** São Paulo: Aleph, 2004.

ORGANIZAÇÃO Pan-Americana da Saúde. **Manual para vigilância do desenvolvimento infantil no contexto da AIDPI**. Washington, D.C.: OPAS, 2005.

PESQUISA sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016.

RASMUSSEN, K. **Places for children - Children's places**. *Childhood*, v.11, n.2, p.155-173, 2004. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0907568204043053>. Acesso em 02/06/2018.

RAYMUNDO, L. S.; KUHNEN, A.; SOARES, L. B. **O espaço aberto da educação infantil: lugar para brincar e desenvolver-se**. *Psicologia em Revista*, v.16, n.2, p. 251-270, 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9563.2010v16n2p251/1937>. Acesso em 04/06/2018.

RIDGERS, N. D. et al. **Long-term effects of a playground markings and physical structures on children's recess physical activity levels**. In: *Preventive Medicine*, v.42, n.5, p. 393-397, 2007. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/2aae/fdb2926e10034d052f6e5c05add904dacad8.pdf>. Acesso em 25/05/2018.

SOUZA, A. M.; VIEIRA, M. L. **Origens históricas da brincadeira**. *Psicologia Brasil*, v.2, n.7, 2004.

TIRIBA, L. **Crianças da Natureza**. Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file>. Acesso em 04/06/2018.

TIRIBA, L. **Crianças, natureza e educação infantil**. 2006. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt07-2304.pdf>. Acesso em 20/05/2018.

VASCONCELOS, G.S.M. **As contribuições da psicologia do desenvolvimento na perspectiva histórico cultural para a participação infantil. Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 17, n. 31, p. 92-106, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/37881>. Acesso em: 02/06/2018.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. 3.ed. São Paulo: Ícone, 1991.